

DINÂMICAS DE IDENTIDADE E EXCLUSÃO: A INTOLERÂNCIA SIMBÓLICA EM REDES SOCIAIS DIGITAIS¹

Cíntia Dal Bello²

Introdução

Identities digitais, expressas em plataformas ciberespaciais de relacionamento e projeção subjetiva como perfis, refletem a dinâmica relacional que marca a compreensão do conceito de identidade no contexto pós-moderno. Nesse sentido, o conjunto de amigos, seguidores, fãs, inscritos ou contatos (termos que denominam, em cada rede social digital - *Facebook, Twitter, Youtube, LinkedIn* -, a maneira como a alteridade comparece na teia de relações cujo centro, para cada qual, é o próprio perfil), bem como suas publicações, conforma parte substancial da identidade-perfil (DAL BELLO, 2009). O outro é convocado ora como audiência, ora como capital social indispensável, apesar da difícil mensuração de seu valor como espécie de "bem". A lógica quantitativa que tangencia a superficialidade das relações tele-existenciais (DAL BELLO, 2013) e dita o ritmo da busca por influência, autoridade ou visibilidade cibermediática exponenciais que possam ser, de algum modo, monetizadas, também subjaz a tranquilidade com que os cibernautas resolvem "limpar" sua *timeline*, "deletando" pessoas que consideram não mais merecedoras de participar de sua rede de relações.

Em abril de 2016, com a crescente tensão política em torno da possibilidade de *impeachment* da presidenta reeleita Dilma Rousseff (PT), com à ascensão de Michel Temer (PMDB) de vice à presidente em 31 de agosto do mesmo ano, tal comportamento tornou-se bastante acintoso. As incompatibilidades ideológicas dos projetos políticos polarizados em

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 10 – Subjetividade / Identidade do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

2. Cíntia Dal Bello é professora de Publicidade e Propaganda e Mídias Sociais Digitais do Centro Universitário Belas Artes e de Publicidade e Propaganda e Jornalismo da Universidade Nove de Julho. É Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e participa do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Comunicação e Ciberultura (CENCIB). E-mail: cintia.dalbelo@gmail.com.

"direita" e "esquerda" refletiram-se diretamente na incapacidade generalizada de estabelecer uma zona democrática real de debate; mensagens de intolerância invadiram as *timelines* para ridicularizar e desmerecer a posição política alheia, ressignificando fatos e discursos, rotulando personalidades públicas (políticos, artistas, intelectuais, pesquisadores) e caricaturizando partidários e simpatizantes dos dois polos. Tanto a mídia tradicional quanto a *Internet* foram movimentadas nesta gigantesca luta pelo controle do rumo dos fatos e, não menos importante, sua interpretação. Entre os meses de janeiro e fevereiro de 2017, com a internação e morte da ex-primeira-dama Marisa, esposa do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT), nova onda de ódio³ assomou os espaços ciberespaciais, o que pode ser verificado, por exemplo, em comentários postados em portais de notícia ou matérias compartilhadas nas mais diversas redes digitais⁴.

No âmbito microfísico dos relacionamentos interpessoais estabelecidos via redes, a publicação ostensiva de mensagens ofensivas levou muitos a "limparem" suas *timelines*, deletando amigos, parentes, conhecidos e desconhecidos de seus perfis. O consenso entre aqueles que praticam ou praticaram esse tipo de "limpeza" é de que tal atitude justifica-se em absoluto, constituindo, primeiramente, o direito inalienável de escolher com quem conviver e que tipo de mensagem receber em sua rede. Tomado sob a perspectiva dos Estudos Culturais a respeito das dinâmicas de identidade e diferença (HALL, 2000, 2004; SILVA, 2000; WOODWARD, 2000), o "deletar" reflete a intolerância simbólica que se alimenta de uma concepção essencialista e dicotômica de identidade. "Direita" e "esquerda" interpelam os sujeitos a assumirem determinadas posições e lugares-de-fala que, no extremo, não permitem sequer a mínima convivência com seu oposto.

Palavras-chave: identidade; diferença; alteridade ; identidade digital; violência simbólica.

Higienismo digital?

A proposta deste artigo pauta-se na percepção de que pensamentos e comportamentos com traços fascistas (*lato sensu*) estão conquistando larga escala de admiradores e defensores.

3 Veja-se: Pessoas torcem pela morte de Dona Marisa após AVC. 24 jan. 2017. **Pragmatismo Político**. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/01/pessoas-torcem-pela-morte-de-dona-marisa-apos-avc.html>. Acesso em: 2 fev. 2017.

4 Veja-se: Internautas fazem piada com a morte de Marisa Letícia, esposa de Lula. 2 fev. 2017. **Blasting News**. Disponível em: <http://br.blastingnews.com/brasil/2017/02/internautas-fazem-piada-com-a-morte-de-marisa-leticia-mulher-de-lula-001442139.html>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Tais traços, embora proeminentes no discurso de extrema direita, encontram ressonância na prática cotidiana da sociabilidade digital, inclusive de quem posiciona-se como esquerdista, quando a aversão ao diferente e a incapacidade de dialogar com a alteridade dentro da atmosfera democrática termina na execução da "limpeza" da *timeline*. Para exemplificar essa afirmação, apresenta-se o caso a seguir.

Em abril de 2016, na lista consolidada pela Folha de São Paulo, Jair Messias Bolsonaro (PSC-RJ), "Capitão do Exército, Deputado Federal reeleito pelo RJ, como o mais votado do Estado, com 464.565 votos"⁵, comparecia como o 3º político com mais seguidores nesta plataforma ciberespacial, acima da então presidenta Dilma Rousseff e abaixo apenas de Aécio Neves (Senador - PSDB-MG) e Marco Feliciano (Deputado Federal - PSC-RJ)⁶. Em 17 de abril, antes de pronunciar seu voto no processo de *impeachment*, o deputado federal declarou:

Nesse dia de glória para o povo tem um homem que entrará para a história. Parabéns presidente Eduardo Cunha⁷. Perderam em 1964 e agora em 2016. Pela família e inocência das crianças que o PT nunca respeitou, contra o comunismo, o Foro de São Paulo e em memória do coronel Brilhante Ustra, o meu voto é sim.⁸

No pacote discursivo em defesa da Criança, da Família e da Pátria (as letras maiúsculas, aqui, tem o propósito de evocar o imaginário teleológico da modernidade, cujo Projeto, defensável sob o ponto de vista destes valores - quem se oporá à defesa da família? - desencadeou os horrores que hoje consumimos em documentários televisivos nas horas de lazer ou tédio), percebe-se uma pauta política que violenta direitos civis duramente adquiridos. Bolsonaro não apenas homenageou um torturador, com o aval do número

5 De acordo com texto de biografia divulgado em sua página no *Facebook*, disponível em: https://www.facebook.com/pg/jairmessias.bolsonaro/about/?ref=page_internal. Acesso em 27 out. 2016.

6 SALLES, Ygor. Bolsonaro passa Dilma no Facebook e consolida direita na liderança. 4 abr. 2016. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <http://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2016/04/04/a-direita-domina-o-facebook/?cmpid=facefolha>. Acesso em 27 out. 2016.

7 Eduardo Cunha (PMDB), então presidente da Câmara dos Deputados, teve denúncia acolhida pelo STF e é investigado na Operação Lava-Jato por suspeita de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Afastou-se do cargo em julho e foi preso preventivamente pela Polícia Federal em outubro de 2016.

8 VEJA frases dos deputados durante a votação do impeachment. 17 abr. 2016. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1762082-veja-frases-dos-deputados-durante-a-votacao-do-impeachment.shtml>. Acesso em 27 out. 2016.

crescente de eleitores que clamam por intervenção militar ou romancizam a época da Ditadura Militar no Brasil; ele apelou para "quem" poderia evocar os pesadelos mais sombrios daquela que desejava "limpar", via encaminhamento do *impeachment*, do cenário político brasileiro. Saliente-se, aqui, que a menção ao Coronel Brilhante Ustra aponta conviência com o veemente desejo pela erradicação total do outro pulsando no coração do processo democrático.

As reações nas redes sociais digitais foram imediatas - contra e a favor. No que diz respeito a este artigo, cumpre registrar a aparição de uma ferramenta para listar os amigos no *Facebook* que "curtem" Jair Bolsonaro e, com essa informação, decidir-se por apertar o botão "delete". Outra ferramenta possibilita que se saiba a posição política de seus contatos, igualmente para poder isolar-se dos que pertencem ao outro pólo (seja qual for) e, na melhor das hipóteses, estreitar relações com aqueles que pensam de forma semelhante. Apesar do repúdio manifestado por muitos, Jair Bolsonaro possui, hoje (outubro de 2016), 3.411.659 curtidas em sua página no *Facebook* (figura 1), significativamente mais do que tinha quando a Folha fez o levantamento, em abril do mesmo ano. O acirramento dos pólos, bem como a dificuldade de estabelecer diálogos entre eles, são patentes.



Figura 1. Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook (27 out. 2016).

Deletar alguém, na esfera ciberespacial, por inconformidade com sua posição política, parece ser um direito incontestável. Entretanto, deve-se pensar se tal comportamento em rede,

quer venha de partidários ou simpatizantes de direita ou de esquerda, não contribui para um isolamento irracional em pólos incomunicáveis, o que prejudica o processo de manutenção dos direitos e melhorias conquistados e de reconstrução do cenário político, com o encaminhamento de necessária reforma política. Também flerta perigosamente com a possibilidade de que a violência simbólica e irrefletida do "deletar" virtual é, de algum modo, prenúncio de que o descarte daquele que é considerado diferente, tal como se pode observar em projetos antidemocráticos que marcaram a modernidade, não está a um passo de sair das redes para assomar às ruas. Outro aspecto que pode ser analisado é o do "higienismo digital", como prática micropolítica (FOUCAULT, 2010), no sentido de que a "limpeza" da *timeline* impetra segregação ou aniquilação, ainda que simbólica, como forma de conter a possibilidade de "contágio" via exposição às ideias daqueles que são considerados indesejáveis tomando-se como vetor de julgamento sua perspectiva política.

Situar o problema da identidade e da diferença, com base nos Estudos Culturais, nos processos de identificação em rede, pode indicar possibilidades de análise destas questões.

Identidade, diferença e processos de identificação

Identidade e diferença são termos que não podem ser tomados separadamente. Relacionam-se dentro de processos de identificação que determinam posições-de-sujeito e lugares-de-fala em que os indivíduos podem exprimir "quem são". Nesse sentido, identidade é estratégia simbólica que demarca, por meio da afirmação do que "é", tudo aquilo que "não é". Ou, se preferir, que delimita aquilo que "é" em contraposição a tudo o que for identificado como o que "não é". Por ser marcada pela diferença, a identidade é relacional (WOODWARD, 2000, p. 8). Ela depende do estabelecimento de fronteiras delineadas social, cultural e simbolicamente entre o "nós", ou seja, aqueles com os quais partilham-se similaridades, ou senso de mesmidade, e os "outros", aqueles em que as características que se sobressaem não permitem que sejam reconhecidos como semelhantes. Sem a existência dos "diferentes", não é possível demarcar o grupo dos "iguais"; daí a justificativa para o aspecto relacional do processo de identificação que estabelece identidade e diferença.

A diferença, por seu turno, pode ser entendida como a negação das similaridades por quem detém o poder de diferir, o que implica segregação ou exclusão daqueles em quem não se reconhecem as similaridades elegidas como pontos de construção de uma posição-de-sujeito "desejável". A dinâmica entre identidade e diferença, portanto, está no cerne das polarizações que permeiam o ser/estar e o relacionar-se no mundo. Nas redes sociais digitais, o poder

de adicionar, manter e deletar "amigos" está, aparentemente, equanimemente distribuído na medida em que cada usuário pode, efetivamente, decidir sobre quem merece ou não fazer parte da sua esfera de *conexões*⁹ virtuais.

Identidades adquirem sentido por meio dos sistemas simbólicos que são mobilizados em sua representação (WOODWARD, 2000, p. 8). Nas plataformas ciberespaciais de relacionamento e projeção subjetiva, assumido o fato de que os perfis conformam identidades digitais ou, como denominado em estudo anterior, identidades-perfis (DAL BELLO, 2009), toda publicação - texto, imagem, audiovisual, links para *sites* ou notícias - geram pistas simbólicas que delineiam a subjetividade comunicante. Mesmo o grupo de amigos e suas publicações, expressamente dirigidas ou não à identidade-perfil em análise, compõem o conjunto simbólico acerca desta; são elementos que interferem na "narrativização do eu" (HALL, 2000, p. 109). Esta é uma das razões que levam muitos a deletar contatos cujos *posts* destoam acintosamente de sua própria forma de pensar e projetar-se. É por essa razão que alguns usuários optam por não permitir que mensagens dirigidas, escritas por terceiros, sejam publicadas diretamente em seu perfil; entretanto, não há como fugir de receber comentários discordantes de algo que foi publicado pelo "dono" do perfil. Algumas plataformas, além da solução radical da desvinculação, incluem uma alternativa intermediária: o bloqueio. "Bloquear" alguém é uma ação que limita o acesso aos conteúdos pessoais, de forma que o outro não possa sobre eles manifestar-se, embora continue com o diplomático status de "amigo".

É possível considerar as identidades a partir de concepções essencialistas e não-essencialistas (HALL, 1990; WOODWARD, 2000). No primeiro caso, a identidade comparece como algo imutável, constituído a partir da "essência" de um passado histórico ou um traço biológico partilhado que determina o sentido de pertença dos indivíduos e que, em tese, permanece ao longo do tempo de vida de cada indivíduo. No segundo, os critérios essencialistas que definem a pretensa autenticidade das identidades são relativizados pela percepção de discrepâncias e contradições. Desta concepção resulta a compreensão de que a identidade não é fixa, contínua ou unificada; antes, identidades são plurais e movem-se entre discursos globais e locais, negociando com largo repertório de representações simbólicas; elas reelaboram nar-

9 A ênfase em "conexões", em detrimento de "relacionamentos", pauta-se na compreensão de que nem todos os contatos nominados como "amigos" baseiam-se em vínculos afetivos efetivamente fortes, o que relativiza sobremaneira a denominação utilizada pela maior rede social digital do mundo - o *Facebook*. Bauman (2005), em *Amor Líquido*, discorre a respeito da facilidade com que, na contemporaneidade, as pessoas podem derrubar a conexão, transferindo para a tecnologia a responsabilidade de assumir que não desejava mais conversar com este ou aquele "amigo". Em pauta, efemeridade, superficialidade e insegurança marcam as dinâmicas relacionais e, obviamente, comparecem também na facilidade com que se pode "deletar" alguém.

rativas e disputam visibilidade mediática e reconhecimento. Eis a crise de identidade que caracteriza a pós-modernidade. Na concepção e manutenção das identidades-perfis, verificam-se os deslocamentos, a fragmentação ou a multiplicidade dos discursos subjetivos, não necessariamente coesos ou permanentes na árdua tarefa de definir o "quem sou" de cada um. Na concepção não-essencialista, a identidade é fluída, é devir, e não aponta para uma "'unidade' imutável que se sobrepõe a todas as outras diferenças - supostamente superficiais" (HALL, 2000, p. 108).

Isso não significa negar que a identidade tenha um passado, mas reconhecer que, ao reivindicá-la, nós a reconstruímos e que, além disso, o passado sofre uma constante transformação. Esse passado é parte de uma 'comunidade imaginada', uma comunidade de sujeitos que se apresentam como sendo 'nós'. (WOODWARD, 2000, p. 28).

O sistema binário constitutivo da diferença, entretanto, não deve ser tomado como absoluto: para Hall (1990), em sua fluidez, a identidade desliza entre as posições que ocupa e as quais se opõe.

Ao ver a identidade como uma questão de 'tornar-se', aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum. (WOODWARD, 2000, p. 28).

A adição ou aceitação de novos contatos (amigos) em plataformas ciberespaciais de relacionamento e projeção subjetiva parece guiar-se pelo senso comum de identificação, que guarda relação com a concepção essencialista de identidade. O reconhecimento de aspectos ou interesses comuns, desde a infância passada na mesma cidade ou o fato de torcerem para o mesmo time de futebol, até o posicionamento político, pode fundar uma espécie de "natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão" (HALL, 2000, p. 106). Entretanto, as dinâmicas de identificação, dado o seu caráter discursivo-simbólico, a despeito do conjunto de determinismos que a suscitam e sustentam, incorrem em deslocamentos que não permitem total identificação, ao menos não no sentido de subsunção entre o eu e o outro. Há sempre um aspecto que escapa, total ou parcialmente, temporária ou permanentemente, e que impetra (ou torna visíveis) as rupturas da comunidade elegida. Seus processos envolvem, necessariamente, negociação, articulação e até sobredeterminação; assim, aquele com o qual se identifica a partir do fato de terem cursado o mesmo Colégio pode não ser mais considerado um "igual" quando manifesta nas redes posicionamento ideológico-político contrário. A sobredeterminação comparece quando faz-se necessário optar por um ou outro aspecto para decidir sobre a permanência ou o rompimento da conexão.

Tomando o conceito de *différance* (DERRIDA, 1976), Hall assevera que a identificação envolve "um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de 'efeitos de fronteira'. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora - o exterior que a constitui" (HALL, 2000, p. 106). É preciso lembrar que essas fronteiras, consideradas efeitos simbólicos, são, por força da crise de identidade que marca a pós-modernidade, também movediças e porosas. Cabe aventar a hipótese, cuja verificação demanda acompanhamento, se a prática de deletar o diferente, no contexto atual, não desvelaria um confuso desejo de petrificar as demarcações como forma de resgatar alguma referência mais sólida sobre a própria identidade. Afinal, existe, na identidade, o impossível desejo de fixar-se¹⁰. A vociferação do ódio, mediante a clara constatação daquilo que não se é (ou não se deseja ser), parece resgatar o *modus operandi* típico do projeto político-cultural moderno de conceber "solidamente" o mundo, a subjetividade, a identidade e a alteridade. Observa-se, nas manifestações crescentes em favor de intervenção militar ou pela volta da Ditadura no Brasil, uma espécie de nostalgia ou anseio pelo retorno à "estabilidade", mesmo que esta tenha que firmar-se à força da imposição de um projeto ideológico. Se a declaração de Bolsonaro causou surpresa, indignação e repugnância em muitos, por outro lado, deu visibilidade (política e midiática) ao posicionamento (até então, apenas latente, não-manifesto) de outros muitos. Encontrar jovens clamando pelo retorno da Ditadura, mesmo após a ampla divulgação de todos os horrores perpetrados nos longos anos em que esta ocorreu, é algo digno de séria reflexão.

Crise de identidade e deserção política

Para Lipovetsky (1989, p.106), a pós-modernidade pode ser compreendida como a "era do vazio". Com isso, não pretende negar o processo de personalização já existente na modernidade, muito pelo contrário: aponta para o hiperinvestimento no espaço privado, no tempo presente e na figura do eu que, em um contexto sociocultural neonarcisista, engendra a deserção do político, anunciada como "fim do *homo politicus* e advento do *homo psychologicus*, à espreita do seu ser e do seu bem estar" (LIPOVETSKY, 1989, p. 49).

A "era do vazio", portanto, caracteriza-se pelo esvaziamento dos sentidos que sustentavam as grandes narrativas teleológicas da modernidade, a perda da afetividade e do senso de responsabilidade ligados ao pertencimento comunitário, a corrosão da identidade e dos papéis sociais fixos que, em última instância, referenciavam a constituição dos sujeitos modernos.

10 A afirmação apoia-se na seguinte assertiva: "[...] tal como ocorre com a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade" (SILVA, 2000, p. 84).

Desprendimento emocional, insensibilidade para as causas políticosociais, incapacidade de comprometer-se, aprofundar-se, colocar-se na posição do outro, somados ao imperativo da visibilidade e ao desejo neonarcisista por reconhecimento e admiração dão a tônica para novas formas de sociabilização.

O neonarcisismo não se contentou com neutralizar o universo social, esvaziando as instituições dos seus investimentos emocionais; também o Eu, desta feita, se vê corroído, esvaziado da sua identidade, o que paradoxalmente sucede em virtude do seu hiperinvestimento. Como o espaço público se esvazia emocionalmente por excesso de informações, de solicitações e de animações, o Eu tornou-se um "conjunto frouxo". Por toda a parte, eis que o real pesado desaparece, e é a *dessubstancialização*, a última figura da desterritorialização, que condena a pós-modernidade. (LIPOVETSKY, 1989, P. 53).

Nas redes sociais digitais, nulodimensionalidades ciberespaciais¹¹ por excelência (DAL BELLO, 2013), o desenho da identidade-perfil exemplifica o hiperinvestimento no eu, obra em processo atravessada por discursos, impulsos e solicitações que imprimem sentido ao devir. O imperativo estado *always on* inaugura um comportamento compulsivo de autoexposição contínua, condicionando os usuários de teletecnologias a existir em tempo real (tele-existir); tal produção desmesurada de informações sobre si, na tentativa de delinear um sujeito significativo (ou seja, que possa ser reconhecido pela alteridade como relativamente importante), contribui para o efeito contrário, ou seja, para a sua contínua dissolução, uma vez que a necessidade de constante atualização para sobreviver à concorrência informacional só faz aumentar a avalanche de informações que saturam os ambientes digitais de projeção subjetiva e convivência. O ciclo, portanto, vai do desejo de visibilidade à projeção cibermediática, e desta para a (in)visibilidade provocada pelo excesso que satura a atenção. Para sobreviver dentro desta lógica, é preciso aceder às convocações que operam na velocidade do gerúndio. "*O que você está fazendo?*" é exemplo típico do convite que interpela os sujeitos a posicionarem-se e formaliza o recorrente apelo ao modo de vida *always on*.

O efeito de presença que se obtém no uso cotidiano dos dispositivos de conexão às redes de telecomunicação em tempo real exige uma nova definição. Sem dúvida, é um desdobramento refinado de presença mediática em ambientes compartilhados; envolve a espectralização da existência no momento mesmo em que ocorre, o que transforma a identidade-perfil em avatar espectral ou corporeidade sígnica, por meio do qual é possível aparecer, ser, estar e "viver" nas redes. A abstração do corpo, convertido em imagem técnica ou duplo espectral, faculta a experimentação de alguns aspectos tele-existenciais interessantes: a identidade-perfil

11 A qualificação das redes sociais digitais como um tipo de nulodimensionalidade segue a concepção de Flusser (2008) sobre os graus de abstração que vão da tridimensionalidade à zero ou nulodimensionalidade.

não apenas apresenta e/ou representa a subjetividade; ela pode assumir o status de perfil-sujeito, apresentando-a, transformando-a em aparição-presença, fantasma "hiper real" (BAUDRILLARD, 1989) de si mesma.

A conversão da existência em tele-existência acede ao apelo confessional de uma sociedade consumidora de *reality shows*. A visibilidade, como valor que legitima a validade da existência, submete todos ao processo de produção ininterrupta de informações sobre si. Neste não-lugar comunicacional, resultado de radical abstração em que a ilusão de proximidade escamoteia a ausência de profundidade (típica do neonarcisismo vigente), a dificuldade para a geração de vínculos mais sadios é latente. Nesta cultura de simulação, interfaces e superfícies, a glorificação do indivíduo move-se pela lógica publicitária de promoção da subjetividade em suas aparições cada vez menos episódicas. O contexto é agonístico: buscar o reconhecimento do *outro* requer alçar-se ao centro da cena mediática, relegando-o à margem, reduzido “à condição de instrumento de autoconfirmação pessoal” (BAUMAN, 2008, p. 148). Tal concorrência pelo centro cibermediático das atenções instala violência simbólica e relacional cuja sutileza (quase invisibilidade) é norma quebrada em tempos de ampla polarização. De toda forma, reproduz o *desejo do único*:

[...] um *desejo historicamente residual de glória*, substrato pulsional-imaginário da vontade de potência [para evocar Nietzsche (1947)] na modalidade específica de uma vontade orientada (de maneira reducionista e instrumental) ao reconhecimento ou prestígio, à reputação ou fama. (TRIVINHO, 2010, p. 5).

Portanto, pode-se dizer, com segurança, que o regime de visibilidade que se instaura nas plataformas ciberespaciais de relacionamento e projeção subjetiva é, também, de invisibilidade, pois a disputa pelos espaços e tempos visíveis, os mais visíveis, implica fatalmente o seu oposto para alguém, exigindo diligente atuação para que não se caia nas sombras da invisibilidade.

Nesse regime, para sentir-se "sujeito" é preciso transformar-se em objeto de desejo, de consumo, de entretenimento. É preciso ser/estar entre imagens para projetar-se como "alguém". Nesse contexto de acirrada disputa, insuflam-se os ódios, por si mesmo (sempre que não se alcança uma meta de autovalidação) e pelos outros (concorrentes que devem, por força da tônica cultural, ser anulados em suas aspirações pessoais e convertidos em audiência particular).

Ativando o desenvolvimento de ambições desmedidas e tornando o seu cumprimento impossível, a sociedade narcísica favorece a autoacusação e o desprezo do indivíduo por si próprio. A sociedade hedonista só em superfície engendra a tolerância e a indulgência; na realidade, nunca a ansiedade, a incerteza, a frustração conheceram maiores proporções. O narcisismo nutre-se mais de ódio do que de admiração pelo Eu. (LIPOVETSKY, 1989, p. 69).

É interessante notar como espirais de ódio têm a capacidade de congrega, em tempos de imenso vazio, aqueles que se sentem à deriva. Nas redes sociais digitais, muitas comunidades *online* assumem o tom do desprezo, quando não a própria incitação à violência, como aspecto de identificação e localização de pares. Nas redes, a troca de acusações, a estereotipação, a circulação de notícias falsas e *memes* jocosos, os comentários espúrios e histéricos, as notificações públicas de execução de "limpeza" na *timeline*... tudo isso compõem um cenário de hiperespetacularização¹² em que os participantes procuram delinear, com *bits* e *bytes*, uma identidade pretensamente participante, inteligente, coerente, engajada, consciente e politizada. O ímpeto da paixão e do ódio por grandes ideias e propostas aquece o desértico vazio em que as subjetividades, sequestradas pela lógica da superfície, seguem atarantadas. Reduzir a complexidade do mundo em dois polos e decidir marchar por um contra o outro parece ser razoável para aqueles que, inconscientemente desesperados, desejam ressuscitar referências mais sólidas. A aglutinação em torno de uma identidade contra a alteridade revela, entretanto, que as dinâmicas de diferenciação implicam relações de poder.

Diferenciação e relações de poder

Silva (2000) pontua que identidade e diferença evocam relações sociais que constituem, no fundo, relações de poder. Para além de marcadores gramaticais, "nós" e "eles" exprimem posições-de-sujeito que significam, ordenam, classificam e hierarquizam o mundo social. É importante destacar que a diferenciação ocorre sempre a partir da identidade, o que provoca, de saída, assimetria que coloca a alteridade em desvantagem. O ponto de vista que pensa e categoriza o outro em relação a si é sempre privilegiado.

Dentre as estratégias que se relacionam com a diferenciação e revelam as tensões de poder inerentes ao processo, encontram-se:

[...] incluir/excluir ("estes pertencem, aqueles não"); demarcar fronteiras ("nós" e "eles"); classificar ("bons e maus"; "puros e impuros"; "desenvolvidos e primitivos"; "racionais e irracionais"); normalizar ("nós somos normais; eles são anormais"). (SILVA, 2000, p. 81-82).

A eleição de um aspecto - o posicionamento político-ideológico - para julgar a totalidade subjetiva do outro que se exprime nas redes sociais digitais passa por essas estratégias. Optar por excluir sumariamente alguém, ainda que a ação restrinja-se à esfera digital, contribui para a demarcação das fronteiras identitárias, com o conseguinte fortalecimento do senti-

12 O conceito de hiperespetacularização radicaliza a proposição de Debord (2003, p.9) de que "o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediatizada por imagens", contextualizando-a em meio aos ambientes cibermediáticos de simulação de si, do outro e do mundo (MACHADO DA SILVA, 2007, p. 37).

mento de pertença (a um grupo, a um ideal, a um projeto). Classificação e normalização sub-
jazem esta prática de fechamento do mesmo sobre o mesmo (ainda que, como visto, a identifi-
cação não possa, nunca, corresponder ao desejo de fechamento total entre aqueles que se con-
sideram semelhantes).

O que não pode ser olvidado, entretanto, é que os discursos em voga no atual contexto
político-econômico-cultural brasileiro não apenas sintetizam formas polarizadas de pensar os
rumos do País como, *pari passu*, alimentam-se da diferenciação como forma de demarcar a
grandeza de sua unicidade em um momento de crise, incerteza e carência de referenciais con-
fiáveis, estáveis, sólidos. Abrir-se para o diálogo e o debate sério, com sincero desejo de ouvir
a contribuição do outro, significa reconhecer que o diferente pode, em certas instâncias, ser
semelhante.

Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros
recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a
enunciação da diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder.
[...] Podemos dizer que onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença -
aí está presente o poder. (SILVA, 2000, p. 81).

Incluir/excluir funda a diferença entre nós/eles, indicando quem pertence a esta ou
aquela posição-de-sujeito em uma relação de disputa de poder. Tal demarcação traduz um pro-
cesso de diferenciação em que classificar e hierarquizar grupos identitários constituem privilé-
gios resguardados àqueles que pertencem à identidade promovida como norma. No derivado
processo de classificação, as oposições binárias são valoradas positiva ou negativamente.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso
que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e
institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas
específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no
interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto
da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica,
naturalmente constituída, de uma 'identidade' em seu significado tradicional - isto
é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem
diferenciação interna. (HALL, 2000, p. 109).

Nos ambientes digitais, o exercício máximo do poder pessoal está em deletar alguém
de acordo com os critérios subjetivos elegidos como válidos para julgar quem agrega ou não à
constituição da identidade-perfil. Observe-se o seguinte texto, presente em *post* do blog Saci-
zento, sobre os seis tipos de pessoas que devem ser deletadas do *Facebook*:

Você já parou para pensar que o seu perfil do *Facebook* está igual aquela gaveta
que você guarda um monte de coisas inúteis e no final das contas ficam lá só
criando poeira e você nunca vai nem chegar perto.

Com o *Facebook* é assim, tem um monte de amigos lá que são inúteis e que um dia
acabam te envergonham com as páginas que eles curtem ou compartilham.

Pensando nisso organizamos essa lista.

E se algum amigo seu curte algumas delas é hora de você passar na peneira a sua lista de amigos do *Facebook*.¹³

A lista, sucinta, contém: fãs do Luciano Huck, do Pastor Feliciano, do Bolsonaro, amigos que pedem intervenção militar ou a volta da Ditadura Militar, amigos que gostam de Romero Britto e fãs do Big Brother Brasil. O que alinhava as indicações? A percepção do autor do *post* de que tais pessoas são inúteis e perigosas, pois podem envergonhá-lo publicamente. A alteridade, neste caso, foi reduzido ao status de objeto que só interessa na medida em que pode produzir algum valor que torne a identidade mais brilhante.

Um caso ocorrido em Brasília, documentado pelo Estadão, conta sobre uma sociedade desfeita devido aos excessos da polarização política. Um dia depois do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ser conduzido coercitivamente para depor na Polícia Federal (Operação Lava Jato), o empresário Adriano Sampaio, sócio do La Rubia Café, publicou: "Por falta de tempo, ainda não consegui excluir os poucos petistas que sobraram no meu perfil". A mensagem não reverberou (negativamente) apenas na esfera ciberespacial; após viralizar, levou parte da clientela do bar ao boicote do estabelecimento pela intolerância demonstrada, o que fez com que o outro sócio (Marcelo Galo, conhecido como a *dragqueen* La Rubia) solicitasse o rompimento da sociedade. Internautas que apoiavam os argumentos de Sampaio passaram a "massacrar" Galo: "Marcelo Galo diz ser contra a intolerância política e quer desfazer, se já não desfez, sociedade com amigo que pensa diferente dele" (AGUIAR, 2016). Não é de se espantar que a ocorrência no virtual - pautada em discriminação e retaliação - tenha "transbordado" para a esfera física. Ambos - físico e digital - encontram-se emaranhados, hibridizados, glocalizados, para tomar um conceito de Trivinho (2007). A identidade-perfil, como corporeidade súnica cuja constituição sujeita os comportamentos, sequestra a atenção, requer cuidado ativo nos processos de digitalização de pensamentos e sentimentos, pauta a sociabilidade e a percepção de si. Nela, dão-se as tensões inerentes às relações de poder; ela é expressão de vontade e sujeição, ponto de identidade e instrumento de diferenciação.

Referências

13 Seis tipos de pessoas que você deve deletar do seu Facebook. **Sacizento**. 7 mar. 2016. Disponível em: <http://sacizento.bol.uol.com.br/blog/?p=17366>. Acesso em 28 jan. 2017.

AGUIAR, Gustavo. Polarização política faz sócios de bar romperem. **Estadão**. 13 mar. 2016. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,polarizacao-politica-faz-socios-de-bar-romperem,10000020952>. Acesso em: 20 jan. 2017.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. São Paulo: Relógio D'Água, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

[DAL BELLO, Cíntia. Cibercultura e subjetividade: uma investigação sobre a identidade em plataformas virtuais de hiperespetacularização do eu](#), 2009. 130 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=9410.

_____. Subjetividade e tele-existência na era da comunicação virtual: o hiperespetáculo da dissolução do sujeito nas redes sociais de relacionamento, 2013, 227 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, São Paulo, 2013.

DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo**. 2003. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2007.

DERRIDA, J. **On grammatology**. Baltimore/Londres: MD/*Johns Hopkins University Press*, 1976.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008. (Coleção Comunicações).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2010.

HALL, Stuart (Org.). **Representation: cultural representations and signifying practices**. Londres: *Lawrence and Wishart*, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos sociais. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

INTERNAUTAS fazem piada com a morte de Marisa Letícia, esposa de Lula. 2 fev. 2017. **Blasting News**. Disponível em: <http://br.blastingnews.com/brasil/2017/02/internautas-fazem-piada-com-a-morte-de-marisa-leticia-mulher-de-lula-001442139.html>. Acesso em: 10 fev. 2017.

JAIR Messias Bolsonaro. Página no Facebook. Disponível em https://www.facebook.com/pg/jairmessias.bolsonaro/about/?ref=page_internal. Acesso em 27 out. 2016.

LYPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D'Água, 1989.

MACHADO DA SILVA, Juremir. Depois do espetáculo (reflexões sobre a tese 4 de Guy Debord). In: GUTFREIND, Cristiane Freitas; MACHADO DA SILVA, Juremir. **Guy Debord**: antes e depois do espetáculo. Porto Alegre: EDPUCRS, 2007.

PESSOAS torcem pela morte de Dona Marisa após AVC. 24 jan. 2017. **Pragmatismo Político**. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/01/pessoas-torcem-pela-morte-de-dona-marisa-apos-avc.html>. Acesso em: 2 fev. 2017.

SALLES, Ygor. Bolsonaro passa Dilma no Facebook e consolida direita na liderança. 4 abr. 2016. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <http://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2016/04/04/a-direita-domina-o-facebook/?cmpid=facefolha>. Acesso em 27 out. 2016.

SEIS tipos de pessoas que você deve deletar do seu Facebook. **Sacizento**. 7 mar. 2016. Disponível em: <http://sacizento.bol.uol.com.br/blog/?p=17366>. Acesso em 28 jan. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos sociais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TRIVINHO, E. **A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada**. São Paulo: Paulus, 2007. (Coleção Comunicação).

_____. Visibilidade mediática, melancolia do único e violência invisível na cibercultura: significação social-histórica de um substrato cultural regressivo da sociabilidade em tempo real na civilização mediática avançada. In: **XIX Encontro Nacional da COMPÓS**, 19., 2010, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_287.pdf. Acesso em: 25 ago. 2011.

VEJA frases dos deputados durante a votação do impeachment. 17 abr. 2016. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1762082-veja-frases-dos-deputados-durante-a-votacao-do-impeachment.shtml>. Acesso em 27 out. 2016.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos sociais**. Petrópolis: Vozes, 2000.